

EDGAR ALLAN POE

e as PERSONAGENS dos CONTOS

"A QUEDA da CASA de USHER",

"O GATO PRETO",

"WILLIAM WILSON",

e "BERENICE"

Luzia da Rosa

A análise de personagens em trabalhos literários requer certo conhecimento e gosto sobre o assunto. A execução de um trabalho deste tipo visa não só um aprofundamento sobre a

obra em si, como também sobre o autor da obra e sua vida, sua localização no tempo e espaço. O artista partiu de sua realidade para dar forma ao seu mundo fantástico.

Dentro da obra interessa-nos a personagem - o centro do universo do autor. E, a partir da personagem, buscamos encontrar o seu criador; buscamos conhecê-los a ambos e verificar suas possíveis semelhanças.

Tal é nosso propósito diante dos contos *A QUEDA da CASA de USHER*, *O GATO PRETO*, *WILLIAM WILSON* e *BERENICE*, de Edgar Allan Poe.

I - A QUEDA DA CASA DE USHER

Edgar Allan Poe primeiramente nos situa no espaço físico da história; relata-nos por onde anda, sob que ambiente está. Ele também aparece como personagem: *... as nuvens pairavam, baixas e opressoras, nos céus, passava eu, a cavalo, sozinho, por uma região singularmente monótona...*, na página 7. Aí começa uma análise do mundo que o cerca, da natureza ao redor, análise esta, sombria e triste, com a qual ele se identifica, e toda esta situação parece influir sobre sua disposição.

Aos poucos surge a figura de Roderick: tipo hipocondríaco, perturbado física e mentalmente; sofre de um mal de família, tipo afecção nervosa. Tem certeza da morte iminente. Supersticioso, não sai de casa. Vive numa velha mansão tão negra quanto ele e sua vida. A única presença de bondade e calor humano em sua vida é uma irmã, Lady Madeline, também frágil, enferma e reclusa. São dois seres estranhos, marcados, últimos descendentes de uma família nobre e outrora rica, da qual herdaram apenas uma doença tida como maldita.

O personagem-narrador, Edgar Allan Poe, entra na vida de Lady Madeline e Roderick como uma sombra. O único elo de ligação que explica esta aproximação repentina é que os dois homens haviam sido companheiros de infância. Não se viam desde então, e subitamente Roderick chama o amigo para sua companhia a fim de minimizar seu sofrimento. Bastante singular tal fato, ainda mais que o personagem-narrador de repente começa a viver a vida dos dois irmãos, a identificar-se com eles. As próprias atividades dos dois amigos são um tanto estranhas: estudos e leituras sobre ocultismo, filosofia, quiromancia, pinturas fúnebres, tudo isto feito somente dentro da casa, completamente

alheios ao mundo exterior. Eles relembram o antigo esplendor da família Usher, agora decaída, esquecida, amaldiçoada. Roderick está tão convicto de seu destino que acredita que o mundo material ao seu redor também faz parte de seu sombrio mundo interior; e tudo ao redor é tido como premonição de sua desgraça: o arranjo das pedras da construção, os fungos que as cobrem, as árvores que rodeiam a casa, o lago, tudo com sua impressão de imutabilidade exala uma atmosfera sinistra, sentida por Roderick como uma sensação de fatalidade. ...*Estava acorrentado por certas impressões supersticiosas relativas à mansão em que vivia, de onde, durante muitos anos, não ousara sair ... relativas a uma influência cuja suposta força era por ele expressa em termos demasiado sombrios para serem aqui repetidos, uma influência que algumas peculiaridades existentes na simples forma e matéria de sua mansão solarenga conseguiram, à custa de longo sofrimento -dizia ele-, exercer sobre o seu espírito um efeito que o físico das paredes e das torres cinzentas, bem como do escuro lago em que tudo se refletia, acabara por fazer pesar sobre o moral de sua existência, página 14. Essa opinião, em sua forma geral, dizia respeito à sensibilidade de todos os seres vegetais. Mas, em sua desordenada imaginação, a idéia assumira um caráter ainda mais ousado, e invadia, sob certas condições, o reino das coisas inorgânicas., página 18.*

O personagem-narrador não fala de si. Não precisa apresentar-se. Ele é uma cópia do amigo Roderick. Compartilham todas as horas de suas vidas entregues aos mesmos afazeres noturnos e singulares.

Pesquisando sobre a vida de Edgar Allan Poe, concluímos que ele se veste de personagem-narrador secundário, neste conto, para contar sua própria história na figura de Roderick. A experiência de vida de Poe foi verdadeiramente negra. Órfão ainda criança, seus pais eram artistas de circo e viviam de cidade em cidade: no pouco tempo que os teve, não teve lar; hospedavam-se em hotéis, pois mudavam-se continuamente. Poe foi depois adotado por um casal relativamente abastado. Mas não foi legalmente; e o padrasto nunca lhe deu amor. Amadrasta compensou-o com carinho exagerado, satisfazendo suas vontades. Teve estudo até quando, já na Universidade de Virginia, começou a jogar e beber, e seu padrasto, Sr. Allan, exigiu que Poe voltasse para casa e cuidasse de seus negócios. Poe, que era já um revoltado, fugiu e foi fazer o que queria de sua vida: escrever, beber, lutar, sem conseguir sair do anonimato e da pobreza.

A predileção por casas sombrias e velhas demonstra sua insegurança como pessoa: busca um lar e, ao consegui-lo, de-

cepçiona-se. A imagem de uma casa com pais, afeto, uma família normal foi deturpada no seu coração. Sentia-se um estorvo: filho de artistas, não teria nascido "por acaso"? Talvez seus pais fizeram com que ele se sentisse assim. E no segundo lar havia uma "segunda intenção" no ato de adoção: O Sr. Allan o queria para futuramente tomar conta de seus negócios.

A presença da irmã de Roderick na história simboliza um pouco do afeto talvez de sua madrasta; ou alguma referência a uma irmã de Poe, mais jovem, da qual não se sabe o fim. Ou quem sabe alguma saudade de sua mãe. O fato é que esta personagem feminina traz um pouco de bondade, de amor e, ao mesmo tempo, também tristeza.

A doença também é uma constante em seu conto. Doença mental, agitação nervosa e a conseqüente doença física. Pintamos muito bem a influência da mente sobre a vida de alguém: Roderick e suas "idéias".

Diante da vida que teve Poe não é de admirar que se julgasse um ser maldito e culpasse sua família, a real e a adotiva, de louca e da qual ele recebeu grande influência, quase uma marca da qual nunca mais poderia se livrar. Assim sentia-se ele. O que reflete muito bem no pensamento de Roderick.

Neste conto, Roderick e o amigo enterram Lady Madeline viva, julgando-a morta, após um ataque epiléptico. Tal engano parece-nos proposital: ela sentir-se-ia injustiçada a tal ponto que, revoltada, conseguiria sair da tumba e procuraria o irmão a fim de vingar-se ou exigir uma explicação; e tal esforço pode lhe ser fatal. Por outro lado Roderick sente-se um canalha que merece morrer por ter cometido tal engano. Aí está uma ocasião para que ambos os irmãos se imolem: será o fim daquela raça. Tal é o que acontece.

O final mostra-nos muito claramente o simbolismo de Poe: o desmoronamento da mansão e seu desaparecimento no lago negro. Representa o fim da família maldita, sua destruição, sucumbida dentro do mundo sujo e corrompido (o lago), este mesmo mundo que a gerou, alimentou e condenou. Há quase que uma "lei" a que todos os seres são forçosamente submetidos e não há como escapar.

Este conto nos parece um sonho, uma alucinação de Poe: por momentos ele pensou em como teria sido melhor se ele e sua irmã tivessem morrido; não precisariam sofrer, não precisariam ter enfrentado o mundo cruel que os cercava. E no final do conto (do sonho) ele vê, entre horrorizado e triste, o que é sucumbir... E acorda do pesadelo, vivo. Conseguiu fugir da casa dos Usher. Foi só sonho.

A presença constante da noite, de tempestades, escu-

ridão, castelos cinzentos, sombrios, dias escuros e tristes, débéis luzes de castiçais, lugares onde não há luz do sol nem claridade, sem alegria, demonstram sua falta de afeto, de convívio com outras pessoas, sua solidão. A própria decoração da casa de Roderick deixa ver seu gosto peculiar, provavelmente desatualizado, onde sua companhia mais freqüente são os livros, a pintura.

Há também um sinal de revolta para com o mundo, a sociedade, quando Poe prefere e descreve cruamente a violência física e sangue quando Lady Madeline reaparece saída de sua sepultura; as mortes provocadas, a natureza rebelde em tempestade invadindo a casa, vingativa, ao "punir" os Usher com a destruição; nisto tudo há um sentimento de dor por ele, Poe, fazer parte disto, ser motivo, contribuir para isto e não poder evitar nada; um sentimento de impotência diante do destino, de fatalidade. Ele, ao mesmo tempo em que se revolta contra tudo que não pode mudar, aceita e até procura se afundar mais e mais no seu sofrimento, indo mais depressa ao encontro do fim - como Roderick. Afinal, Poe vestiu-se de Roderick para contar simbolicamente sua (Poe) história.

II - O GATO PRETO

Neste conto, Edgar Allan Poe trata especificamente de sua vida familiar, a vida e a família que ele construiu para si, um mundo mais seu, mais íntimo e querido, portanto.

Aqui ele conta a história em primeira pessoa; ele realmente se assume como personagem. Começa com uma alusão à sua infância; relembra seus bons tempos, os bons sentimentos: afeto pelos animais, sua docilidade e humanidade de caráter. Poe relembra e parece que ele mesmo repete como naquele tempo ele era bom, era normal como pessoa. Mas nesta mesma exposição ele já nos mostra algo singular e marcante: sua preferência pelos animais, o cultivo de sua companhia e sua descrença nos homens como regra geral e sem exceção. Pinta o homem como o único animal capaz de mentir e trair. E daí o motivo de sua predileção por animais. Podemos vê-lo claramente nesta passagem: ... *aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado e capaz de sacrifícios de um animal, que toca direta-*

mente o coração daqueles que tiveram ocasiões frequentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem... , página 42. Vemos em que escala ele coloca o homem e podemos imaginar que há motivo, deve haver, não o sabemos, para que ele pense de tal maneira.

Há a presença de uma esposa bondosa, que o ama e que divide com ele estas opiniões. Os dois vivem tranquilos até que o curso normal de suas vidas vai fugindo ao seu controle. E não há mais como voltar atrás. De um simples apego a um gato preto, surge o elemento supersticioso e daí uma série de acontecimentos funestos começa a acontecer, confirmando seus temores e a desgraça entra porta adentro no seu lar.

O seu relacionamento com a esposa e seus animais de estimação começa a mudar. Não se sabe exatamente por que ele começa a beber. Talvez por ele mesmo não acreditar em si, em sua capacidade como ser humano e, por não acreditar em si, não acredita na sua felicidade nem na solidez de sua família recém construída.

Seu humor vai mudando gradualmente e também seu tratamento para com a esposa. Chega a maltratá-la e aos animais também. O único poupado aos maus tratos é, justamente, o gato. Era o animal mais estimado por ele. *...tornava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam em meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim - que outro mal pode se comparar ao álcool? - e, no fim, até Pluto, que começava a envelhecer e, por conseguinte, se tornara um tanto rabugento, começou a sentir os efeitos do meu mau humor.* Página 43.

Vemos que aparece algo bastante peculiar em Poe: ele sabia o que estava acontecendo, sabia que fazia os outros sofrer e sabia que a causa de sua mudança era a bebida. Mas ele não consegue mudar isto, não consegue inverter este processo; ao contrário, mesmo sofrendo, e não querendo, vai-se aprofundando sempre mais neste caminho. É a presença da fatalidade, de um sentimento de submissão ao destino.

As desgraças sucedem-se e sua vida vai-se desagregando. Transforma-se num mau caráter típico: o marido beber-

rão, que vive nos bares, um infeliz. E para o cúmulo da situação ele acaba assassinando seu melhor amigo: o gato. Mas ele o mata com "lágrimas nos olhos", sabendo o que está fazendo, e que está fazendo errado. Mas sabe que não pôde fugir; ele precisa se maltratar, se fazer sofrer, se destruir, porque ele mesmo não acredita em si. *...uma manhã, a sangue frio, meti-lhe um nãõ corredio no pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fí-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado - um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível, página 44.*

Notemos aqui sua imagem de Deus: que perdoa mas que também pune. Ele buscava uma punição e para isso praticou um ato punível. Os maus atos ocorrem sempre à noite, neste conto, para simbolizar o lado ruim do seu caráter. E a presença do dia que dissipa as trevas, como ele mesmo diz, mostra o que ainda de bom resta nele. Há uma briga entre seu lado bom contra o seu lado bruto e animal. Ele não consegue um equilíbrio entre as duas partes, seus dois "eus"; vive em conflito e acaba capitulando para o lado ruim.

O gato é sua própria consciência, seu lado ruim, que ele precisa a todo custo segurar e dominar. Não o consegue. O gato está sempre a desafiá-lo: mutilado, a persegui-lo; morto, a reaparecer. Desgraçadamente ele acaba matando a pobre esposa, por culpa do gato(?). E ao pensar que está livre de tudo, até do odioso animal, ou de sua consciência, num misto de loucura e horror acaba se confessando e, novamente punido, vai preso.

Presença de uivos, gritos de horror, num simbolismo do sofrimento infernal pelo qual ele passa e quem sabe passará sempre ao ir para o inferno. Mostra do lado bestial do homem cometendo atos violentos, ferindo com facas, fazendo correr sangue. Também tem preferência por escuridão, porões, noite, incêndios e destruição. Sentimento de fatalidade; ele, na prisão, só espera a morte, que lhe trará o alívio.

A personagem é subjugada pela cadeia de acontecimentos; ela sempre é levada a agir impulsivamente e depois vê o tamanho do ato que praticou; apavora-se, censura-se, mas continua na roda-viva. Rebelar-se, mas não se livra das amarras da predestinação e do desmoronamento total.

III - WILLIAM WILSON

No início deste conto, narrado em primeira pessoa, já podemos sentir claramente a intenção do autor: pede licença para falar, mas não quer ser identificado, pois sua história é demasiado triste e causa de tremenda infelicidade. Vemos novamente a presença de um nome maldito, infame. Ele mesmo se julga um infame: *...Oh de todos os proscritos, o proscrito mais abandonado! - não estás morto para sempre a este mundo, às suas honras, suas flores e aspirações douradas? - e uma nuvem densa, lúgubre, ilimitada, não pende eternamente entre tuas esperanças e o céu?*, página 85.

A família parece ser a causa dos seus problemas: desde seus ancestrais há uma doença mental que se traduz em temperamento impressionável e mente imaginativa que persegue os descendentes. Depois teve mãe educação da parte dos pais: *... meus pais, que eram de espírito fraco, e atormentados pelos defeitos constitutivos da mesma natureza, pouco podiam fazer para deter as tendências más que me caracterizavam. Fizeram algumas tentativas fracas, mal dirigidas, que fracassaram completamente e que para mim trouxeram um triunfo completo...*, página 86. Vemos aí como era realmente sua família. E, segundo ele mesmo diz, ele cresceu rebelde e dono de sua própria vontade, escolhendo o caminho dos vícios.

Tem lembranças muito vivas dos lugares em que viveu: o espaço físico tem grande influência sobre ele. Casas sombrias como prisões são as escolas; aldeias tristes, velhas, pátios fechados, pesados portões e muros altos. Tudo o aprisiona, o limita, o deixa temeroso.

Os incidentes estranhos muito cedo acontecem. Na escola encontra um colega com mesmo nome, nascido no mesmo dia, e seu sósia. Este menino torna-se seu rival, sua sombra. O autor antipatiza aparentemente com o estranho mas, no fundo, o teme. Ataca-o com medo de ser atacado e derrotado e parecer inferior. E o colega provoca-o deliberadamente. Vivem numa constante "guerra fria". São assim inseparáveis. Um é a sombra do outro. Perseguem-se, criam-se atritos continuamente. E o personagem-narrador começa a constatar que o outro é realmente seu sósia: até a voz é um eco da sua. E chega a interferir na sua vontade, fato que o apavora ainda mais. O estranho colega dá-lhe conselhos bons, razoáveis, que até ele o admite, mas tais conselhos irritam-no a ponto de ele agir de maneira contrária. Age por birra. O outro colega é como que uma consciência acusadora, ditando-lhe o que deve fazer, o que há de errado, as más

companhias. Por isso ele o detesta e mais ainda, lhe tem medo porque o outro parece conhecer-lhe todos os pensamentos e temores.

Por certo tempo separa-se do estranho colega, leva a mesma vida desregrada, às custas dos pais. Torna-se adulto. Estuda em outro colégio, esquecido da primeira escola, quando novamente aparece o sósia, justamente no meio de uma "festa" noturna. Ele começa e se preocupar e se indagar sobre esta estranha figura, da qual não consegue descobrir nada. Mas continua a afundar-se numa vida de prazeres fúteis. Torna-se o mais excêntrico, mais gastador, maior jogador, bebedor, para provar a si e aos outros sua autoconfiança. Até trapacear ousou, mas, inexplicavelmente, o sósia aparece e o desmascara diante dos amigos. Então ele foge, corre o mundo e onde quer que ele aparece lá está seu sósia a persegui-lo e a amaldiçoá-lo. E ele afunda-se em atos vis. Começa a pensar que está louco, que tudo é fruto de sua imaginação, sina de sua família. Não tem mais sossego. Numa festa, num acesso de ódio, agarra-se ao maldito sósia, agride-o, blasfema-o. Lutam e ele mata o algoz com uma espada. Tudo acontece diante de um espelho que havia no aposento. Neste espelho W.W. vê sua própria imagem refletida, manchada de sangue, tal como o outro que está morto a seus pés. Os dois estão até vestidos iguais. Para seu horror, a imagem do espelho fala, e ele sente que é ele próprio que o faz; ele, matando ao outro, matou a si próprio. *...era Wilson, mas Wilson sem mais sussurrar agora as palavras, tanto que teria sido possível acreditar que eu próprio falava, quando ele me disse:*

-Venceste e eu me rendo. Mas, de agora em diante, também estás morto... morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim tu existias... e vê em minha morte, vê por esta imagem, que é a tua, como assassinaste absolutamente a ti mesmo, página 107.

O autor trabalha um personagem com dupla personalidade: um com todos os vícios, o mau caráter; outro, o que luta para não deixar o ruim perecer no mal. O eterno conflito entre o lado bom e o ruim de uma pessoa. O próprio Poe que foi um infeliz, um revoltado, que sentia-se perseguido pela má sorte e que por isso injuriava a si mesmo. Notemos que aparece mais uma vez a doença mental, a tendência para o desequilíbrio. A pessoa não consegue tornar-se dona da situação. Ao contrário, é arrastada pelos fatos, é levada a agir através do desespero e sofre as conseqüências dos seus atos. Sente-se infame, tem consciência da sua personalidade, dos seus atos, e continua agindo da mesma maneira, caminhando firmemente para a tragédia.

IV - BERENICE

Edgar Allan Poe trabalha em "Berenice" um aspecto mais lírico, mais poético. Mas, ao lado da beleza há a tristeza, há a perseguição de um ideal inatingível, há melancolia:... *o infortúnio é múltiplo. A infelicidade sobre a terra, multi-forme. Dominando como o arco-íris, o amplo horizonte, seus matices são tão variados como os desse arco e, também, nítidos, embora intimamente unidos entre si. Dominando o vasto horizonte como o arco-íris! Como é que pude obter da beleza um tipo de fealdade? Como pude conseguir, do pacto de paz, um símile de tristeza? Mas, como na ética, o mal é uma consequência do bem e, assim, na realidade, da alegria nasce a tristeza. Ou a lembrança da felicidade passada é a angústia de hoje, ou as agonias que são têm a sua origem nos êxtases que poderiam ter sido.*, página 55.

Temos assim um lado profundamente filosófico de Poe. E quanto mais profundos, mais belos e melancólicos são. Note-mos que neste conto ele também fala da sua infância, do amor. Ao lado disto Poe aborda o polêmico tema da "alma humana", sua origem, existência imaterial até o momento em que ela se materializa quando a pessoa nasce. Fala de mundos desconhecidos, vividos por ele antes de sua chegada à Terra com o nascimento. *...Aqui morreu minha mãe. Aqui nasci. Mas é simplesmente ocioso dizer que não vivi antes... que a alma não tem nenhuma existência anterior. Vós o negais? Não discutamos sobre isso. Estando eu próprio convencido, não procuro convencer. Há, no entanto, uma lembrança de formas aéreas, de olhos espirituais e expressivos, de sons musicais, embora tristes; uma lembrança que não quer apagar-se; uma lembrança como uma sombra, vaga, variável, indefinida, incerta e, como uma sombra também, me vejo na impossibilidade de desfazer-me dela enquanto existir a luz de minha razão,* página 56.

Uma pessoa com uma profunda sensibilidade poética e espiritual, e de grande imaginação, revela-se assim Poe. Um assunto tão controverso e profunda como este é tratado de forma tão pura, e tão simples, aparentemente, que realmente nos faz pensar e sentir o mundo através dos seus olhos. Parece-nos excepcional neste aspecto, neste conto. *...Foi neste aposento que nasci. Despertando, assim, da longa noite que parecia ser-mas não era - o nada, e vendo-me, de repente, nas verdadeiras regiões de um país de fadas, num palácio fantástico, nos estranhos domínios do pensamento e da erudição monásticos, não é estranho que olhasse tudo com olhos surpresos e ardentes, que es-*

banjasse a minha infância debruçado sobre livros e dissipasse a minha juventude em sonhos; mas o estranho é que, com o passar dos anos, eu me encontrava ainda, em plena maturidade, na mansão de meus pais; o maravilhoso é esse estancamento que caiu sobre as fontes de minha vida, maravilhosa a total inversão operada na natureza de meus pensamentos mais comuns. As realidades do mundo afetavam-me como visões, apenas como visões, enquanto que as idéias loucas da terra dos sonhos se tornavam, por sua vez, não o material de minha vida cotidiana, mas, realmente, minha inteira e única existência, página 56.

Poe conta sua história novamente em primeira pessoa. É uma pessoa preocupada com coisas fora do comum: o mundo ao redor não o interessa; o SEU mundo sim, aquele em que ele vive. Notemos aí a importância que Poe atribui à vida mental, intelectual. E também há uma indagação para o assunto, sempre em debate, da origem do homem, vida extraterrena e outros mundos em que, pelo menos na imaginação, poderão existir.

Também há presença de doença física dele, em oposição à vitalidade e beleza da prima e amada. Ela é feliz junto à natureza, a brincar, enquanto ele leva uma vida altamente intelectual, deixando só a mente divagar. Ela é saudável, ao passo que ele é tido como de saúde delicada, não lhe sendo permitido viver como um menino normal. Ele ama em Berenice tudo que ele não é, tudo que lhe é proibido. Parece que tudo se encaminha para a felicidade, pois os dois vão-se casar. Mas ela adoecce. E muda completamente, ficando frágil e delicada a cada dia. Notemos que novamente aparece aquele característico espírito de fatalidade de Poe: tudo que ele ama ele perde. Parece que tudo que ele toca fica manchado. Ele começa também a sentir que sua doença progride. Principalmente a mente: seu poder de imaginação e concentração ficam fora de seu controle.

Vamos verificar o seu estado de desequilíbrio mental, o seu amor doentio pela moça, no final, quando ele não consegue desviar sua atenção dos dentes dela, o que o leva ao desespero a ponto de ele, ao pensá-la morta devido a um ataque, invade seu túmulo e tira-lhe os dentes e guarda-os cuidadosamente. Tal ato, depois de praticado, parece aos seus próprios olhos indigno, horroroso, e ele se prostra, abatido, envergonhado.

Novamente há referência a pessoas enterradas vivas e mutiladas, sangue, noite, cortinas pesadas, quartos escuros. Sinal de um grande poder de imaginação do autor, de seu prazer em mostrar o lado mórbido dos homens.

O indicador da fatalidade: tudo vai relativamente bem, mas os personagens parece que são marcados pelo destino funes-

to: acabam destroçados, vítimas dos acontecimentos, numa infelicidade e destruição totais.

O que poderia ser uma bela história de amor e de lágrimas, do tipo "Romeu & Julieta", Poe transformou, ou mais precisamente, criou uma história mista de amor-terror, fantástica, mesmo com o lirismo mencionado inicialmente. O que no início nos parece que será uma linda história de um amor infeliz, acaba num drama de horror. Poe era fantástico em suas criações.

V - POE E SUAS PERSONAGENS

Poe foi um homem marcado, e tudo que está em suas obras tem muito de sua experiência pessoal de vida. Daí seus temas quase chocantes muitas vezes. Revela claramente os dois *eus* da pessoa humana em William Wilson, no Gato Preto, em Berenice e no mais autobiográfico deles, A Queda da Casa de Usher. Vivendo entre dois extremos: do amor mais puro à loucura do assassinato, eis o seu paradoxo.

Personagens doentias física e mentalmente, que vivem sem sol, em casas velhas e sombrias, ou pelas noites se escondendo, evitando o convívio social e o mundo, são as preferidas de Poe. São cultas, altamente intelectuais, sem grande atividade física. Geralmente estas personagens pressentem a morte, estão condenadas por seus males físicos e aceitam isto naturalmente, sem procurarem tratamento médico.

Mesmo odiando e ironizando o mundo e as pessoas, Poe lutou para sobreviver. Foi o primeiro que, na sua época, tentou viver somente como escritor. Sabe-se que em adulto ele sofreu e foi pobre até morrer. Daí talvez ele marcar suas obras com o fatalismo. Ele não conseguiu fazer sua própria vida. Poe mostrou largamente o mundo desconhecido da alma humana, fruto de suas próprias indagações, já que foi um homem de vasta cultura. Para ele o desconhecido não apresentava limites; os temas polêmicos que abordou geravam novas polêmicas e continuavam sem solução. O mundo da época julgava-o maldito, porque ele fugiu aos padrões. Foi um inovador. De sua vida infeliz ele criou um novo tipo de literatura. E provou que toda criação artística deve ser livre e trazer um pouco do seu criador.

CONCLUSÃO

O trabalho, exposto de modo resumido, revela-se pouco para tudo que se pode encontrar sobre um autor como Edgar Allan Poe e suas personagens.

Mesmo assim, foi uma primeira experiência neste campo. Como primeira tentativa, deixa muito a desejar. Mas enriqueceu-nos e, mais importante, fez com que se dedicassem bons momentos a trabalhar sobre algo concreto e de grande valor dentro da literatura universal.

O importante foi feito: começar. Resta-nos aguardar outra oportunidade para aperfeiçoar nossa criação e continuar em futuros trabalhos neste campo.

BIBLIOGRAFIA

CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Pedro Alcindo - *Metodologia Científica* - São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1980.

POE, Edgar Allan - *Histórias Extraordinárias* - Ed. Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1981.